



JOGOS FLORAIS

EMISSORA NACIONAL

1947



FARO
AGOSTO DE 1947

P R O G R A M A

PRIMEIRA PARTE

Orquestra Sinfónica Popular, dirigida pelo maestro Wenceslau Pinto com a colaboração da cantora Arminda Corrêa.

1. Euryanthe (abertura da ópera) *Weber*
ORQUESTRA
2. Duas árias da ópera «O Amor Industrial» *Sousa Carvalho*
I — «Desgraçada, a quem foste dar teu coração»
II — «Bem te entendo, sim, ó linda!»
3. «Algarve de sonho e lenda», poesia de Silva Tavares, lida pelo autor
4. Duas canções populares portuguesas, harmonizadas por *Frederico de Freitas*
I — Chora Videira (Minho)
II — Ó Maria, a canoa virou (Algarve)
5. Duas trovas *Francisco de Lacerda*
I — Tenho tantas saudades...
II — Quero cantar, ser alegre
CANTO E ORQUESTRA
6. Valsa — capricho *Pavia de Magalhães*
7. Quadro sinfónico *Wenceslau Pinto*
ORQUESTRA

SEGUNDA PARTE

1. Algumas palavras por António Ferro, Secretário Nacional da Informação.
 2. Leitura das poesias premiadas e distribuição dos prémios.
- LEITORES OFICIAIS: CARMEN DULORES E MANUEL LERENO

TERCEIRA PARTE

Orquestra Típica Portuguesa, dirigida por Belo Marques, com a colaboração do Coro Feminino, dos cantores José António e Orlando Settimelli e da actriz Maria Clara.

Abertura — Orquestra

1. *Vamos a Faro* (corridinho de Belo Marques) — Coro Feminino e orquestra.
2. *Algarve azul* (Nóbrega e Sousa, letra de Armando Miranda) — canto e orquestra: Orlando Settimelli.
3. *O futuro* (António Gavino) — canto e orquestra: Maria Fernanda.
4. *Lua nova* (Belo Marques) — José António, Coro Feminino e orquestra.
5. *Ao som dos harmónios* (João Nobre) — canto e orquestra: Maria Clara.
6. *Marias* (folclore) — canto: Coro Feminino.
7. *Hilariana* (Sousa Morais) — orquestra.
8. *Penso que sei mas não sei* (Casimiro Silva) — canto e orq.: Margarida Amaral.
9. *Foi nas voltas do vira* (João Câmara, letra de Etelvina Lopes de Almeida) — canto e orquestra: Maria de Lourdes.
10. *Ser lisboeta* (Jaime Mendes) — canto e orquestra: Orlando Settimelli.
11. *Redondilhas* (Belo Marques, letra de Silva Tavares) — canto e orquestra: Maria Lemos.
12. *Barquinhos de papel* (Belo Marques) — José António, Coro Feminino e orquestra.
13. *Alegria das marchas* (Rafael Gomes, letra de João Nobre) — canto e orquestra: Maria Clara.
14. *Até à volta* (Belo Marques) — Maria Adalgisa, Coro Feminino e orquestra.

Recho — Orquestra.

PRIMEIRO PRÉMIO

POESIA

L Í R I C A

INTERVALO ROMÂNTICO

*Só nasce o dia, Amor, quando te vejo!
És como a brisa quando abraça o lago
Numa carícia leve como um beijo.
És como aquela árvore bondosa
Com suas mãos de sombra, em manso afago,
Passando-as, devagar, na terra ansiosa!*

*Só nasce o dia, Amor, quando me chamast!
Fala na tua voz todo o Universo
E eu amo os próprios sonhos que tu amas!
Oh, a música estranha dos teus passos!
Sem ti, em mil abismos me disperso,
Contigo, a vida inteira abre-me os braços!*

*Só nasce o dia, Amor, quando tu chegast!
Como o sol dardejando setas de ouro,
Enches de luz o olhar — e logo o cegast!
Ao tocar-te, em minh'alma gritam medos:
Como avarento ao pé do seu tesouro,
Sinto o mundo debaixo dos meus dedos!*

*Só nasce o dia, Amor, quando me prendes
De encontro ao sonho, que é de encontro ao peito,
E em fogo vivo o meu ardor acêndes!
Moram, junto de ti, prazer e dor.
E eu paio entre ambos, sempre insatisfeito,
Mas satisfeito sempre, oh meu Amor!*

*Só nasce o dia, Amor, quando me dizes
Ser minha, como o arbusto do deserto
Que só tem o amparo das raízes!
E, afinal, eu sem ti sou triste monge...
— Só nasce o dia, Amor, quando estás perto!
— Só desce a noite, Amor, quando estás longe!*

M I G U E L T R I G U E I R O S

SEGUNDO PRÉMIO

POESIA

L Í R I C A

RETORNELO

*Quando eu era pequenino
Stava sempre acompanhado.
Agora que sou crescido
É que sou abandonado.*

*...E agora é que eu precisava
De ter alguém a meu lado!*

*Quando eu era pequenino
Nas estrelas soletrei.
Com as letras me entretive,
Com as palavras brinquei.*

*...E agora é que eu precisava
De não saber o que sei.*

*Quando eu era pequenino
Via a minha pequenez
E gostava de crescer
Dois dedós em cada mês.*

*...E agora é que eu precisava
De ser menino outra vez!*

S I L V A B A S T O S

PRIMEIRO PRÉMIO
SONETO

SERENIDADE

*Não há maneira de irmos de mãos dadas
Quer em matéria, quer em pensamento.
— Eu dou-me em caridade e em sentimento:
Tu vais na vida com as mãos cerradas...*

*Eu vou com Deus, por límpidas estradas,
E a toda a mágoa dou acolhimento.
— Tu vais sozinho, em rumos de espavento,
Rindo, talvez, das almas desgraçadas!...*

*Mas para quê litígios ou demandas,
Se eu não ando os atalhos que tu andas
Nem lavro os campos ermos que tu lavras?*

*Bem haja a Dor que para Deus me impele,
E que me ensina a conversar com Ele
Para além da fronteira das palavras!...*

C A R L O S D E M O R A I S

SEGUNDO PRÉMIO
SONETO

FASCINAÇÃO

*Quando a esperança enfim me abandonou
E busquei aos meus olhos destronar-te,
Quantas vezes andei, perdido e só,
No receoso desejo de encontrar-te.*

*Porém, na luta do Anjo com Jacob,
Rasgou-se ao Anjo o lírico estandarte,
Despido o teu carácter, tive dó
De não saber com mais firmeza odiar-te!*

*Mas todo o alento que me foi preciso
Para fazer de ti outro juízo,
Ausente o coração tombou inerte,*

*Como se o sôpro duma força estranha
Derrubasse uma sólida montanha,
No breve instante em que tornei a ver-te!*

N O E L D E A R R I A G A

PRIMEIRO PRÉMIO

POESIA

ALUSIVA
AO ALGARVE

MAR DO ALGARVE D'AQUÉM E D'ALÉM SONHO

*Sou algarvio,
E a minha rua tem o mar ao fundo!
Sempre que passa aqui algum navio
Oíço a voz que me namora
Da outra banda do mar...
— Que me namora e me chama
Da outra banda do mundo!*

*(E se eu abalasse, Mãi?
Se eu abalasse e nunca mais voltasse?!
Choravas, sim, eu sei bem!
— Posso não ser filho às vezes,
Mas tu és Mãi, sempre Mãi!)*

E vou ficando, não chores!
.....

*Aqui,
Nesta aldeia do Algarve onde nasci,
Nesta rua que tem o mar ao fundo,
Onde nasceram meus pais,
E nasceram e morreram
Antepassados que eu não conheci,
Aqui,*

*Há um Poder-Maior que pode mais
Que aquela voz que me chama
Da outra banda do mundo!*

*O Mar! — o Mar d'Aquém e d'Além Sonho
Que a voz do sangue me entregou no berço,
E que eu (mais não podendo) me proponho,
Humildemente, transmitir em verso...*

*O Mar — e o céu azul que mais adoro,
Que não é o mesmo azul dos outros céus...
(Concha de luz, palma da mão de Deus
Sôbre a aldeia marítima onde moro!)*

*O Mar do Algarve, meu Poeta e Monge,
Que chega, que ajoelha e fica orando.
Meu velho pescador que vem de longe,
No rosário das ondas vem rezando...*

*Mar que rebenta as ondas, uma a uma,
Para subir às rochas sobranceiras,
Que lança ao vento ondulações de espuma...
— E a espuma vai florir as amendoeiras!*

*Mar — Alma que se espelha, mar do Sul
Que reflecte ondas de azulino-esmalte...
(É azul do mar aquela côr azul
Das serras de Monchique e Pena-de-Alte!)*

*O Mar! — o encantador, alto e romântico,
Que beija a Terra-Noiva, luz e cal,
Que enche de glória o grande Sonho-Atlântico
Do Marinheiro-Mór de Portugal!*

*Sempre o Mar!... — Berço dêste território,
Jardim suspenso, meu Poeta aéreo,
— Terra onde o Infante viu no Promontório
O Dedo-Indicador dum vasto Império!*

A N T Ó N I O P E R E I R A

SEGUNDO PRÉMIO

POESIA

ALUSIVA
AO ALGARVE

AO MEU ALGARVE DISTANTE...

*Algarve todo azul...
Império de beleza singular
Beijado pelo mar
Que nós soubemos vencer:
Tens a poesia dum sonho
Que não se chega à viver...*

*Quizera ser pequenina
E dormir no teu regaço
Horas benditas de esperança,
Eternamente menina,
Ouvindo à noite contar
As lendas do teu destino
Sempre a sonhar, a sonhar...
O teu destino é de glória,
Província do extremo-sul!
Andas contando os milagres
Escritos na ponta de Sagres
A pinceladas de azul!*

*Meu lindo Algarve das fontes
Eternamente a correr...
És o motivo melhor
Desta cantiga de amor
Que eu aprendi a escrever,
Ouvindo à noite contar
As lendas do teu destino
Que há-de ser sempre maior!*

M A R I A F E R N A N D A G U I M A R Á E S

QUADRA

PRIMEIRO PRÊMIO

*CÔM TRÊS LETRINHAS APENAS
SE ESCREVE A PALAVRA MÃE,
QUE É DAS PALAVRAS PEQUENAS
A MAIOR QUE O MUNDO TEM!*

H E L O Í S A C I D

SEGUNDO PRÊMIO

*OLHOS BONITOS HÁ TANTOS!
MAS NENHUNS IGUAIS AOS TEUS:
— QUE VALE A GRAÇA DOS SANTOS
AO PÉ DA GRAÇA DE DEUS?!*

J O S É M A I A L E I T E

TERCEIRO PRÊMIO

*OH! MEU ALGARVE DISTANTE,
MEU JARDIM DA CÔR DO MAR:
— FICASTE PORQUE O LEVANTE
NÃO TE PÔDE TRANSPORTAR!*

A M Í L C A R C A L A D O C O E L H O

QUARTO PRÊMIO

*O VENTO QUE AGITA O MAR,
E FAZ GIRAR O MOINHO,
NÃO TEM FORÇA P'RA AFASTAR
QUEM ANDA POR MAU CAMINHO.*

A U R O R A D I A S D ' O L I V E I R A

PRIMEIRO PRÊMIO

POESIA

HERÓICA

ANTE-VISÃO

*A noite abriu as suas longas asas,
Abriu as asas negras, como um véu.
Apenas brilham, lá no alto, as brasas.
Dos astros — na lareira azul do céu!*

*Sòzinho em sua tenda, Afonso pensa.
Ruge-lhe o peito em maré-cheia de ânsia.
O seu destino é feito de presença.
A sua alma é feita de distância!*

*Nem uma voz rasga o silêncio fundo.
Carregada de sombra, a noite pesa.
Fora, palpita o coração do mundo...
— Sòzinho em sua tenda, Afonso reza.*

*E então, como em cenário de magia,
O luar do Milagre inunda a tenda.
Na clareira do Instante, faz-se dia:
E a estrada do Futuro se desvenda!*

*Feliz quem vê de pálpebras cerradas!
Mais longe vai o olhar de quem mais crê.
Oh, as mãos em ogiva levantadas!
— Sòzinho em sua tenda, Afonso vê!*

*Toda a hora é de Deus! E, nessa hora,
A fôrça do Mistério se cumpriu...
Afonso vê a Lissibona moura
Erguida em ninho de águias, frente ao rio!*

*E em tórno, quase irreais, como gigantes,
Guerreiros de severo e altivo porte,
Trazem a vida a arder nos seus montantes,
Mas a vida, afinal, semeia a morte!*

*Oh, panorama de almas nunca visto!
São normandos, germanos e bretões,
Mas servem todos Cristo — e à voz de Cristo
Fulge, mais alto, o sol dos seus pendões!*

*Mais alto ainda! E cada vez mais alto!
Nascem fontes de sangue sobre a lama!
Soa a canção metálica do assalto!
Gemem no espaço as flechas da moirama!*

*O corpo da muralha envolve as ruas
Num abraço de pedra, frio abraço!
Os gritos cortam como espadas nuas
E cada espada nua é um grito de aço!*

*Num dos flancos do muro, abrem-se chagas.
E — oh flor de Portugal inda em raiz! —
Como escudo onde esbarram as adagas,
Cresce um vulto de herói: Martim Moniz!*

*Em outro lado, num clamor imenso,
Uma Torre de ataque, audaz, investe.
O próprio arfar da terra está suspenso...
Momento belo e singular é este!*

*A Torre avança, morde a pedra, falha,
Insiste, joga a vida contra a vida!
Finca os dentes no dorso da muralha!
Prova a carne da presa apetecida!*

*E a presa já não luta: — dá-se toda!
Ao frêmito da posse não se nega.
Lisboa vai amar em nova boda,
Nos braços dos cristãos toda se entrega!*

*Mil cânticos se fundem num só cântico!
E o Tejo, ainda trémulo de glória,
Vai contar, de onda em onda, ao velho Atlântico,
A alegre boa-nova da vitória!*

*E pelo mar sem fim, milhões de vezes,
Ressoa a litania sem igual:
— Glória e louvor ao Rei dos portugueses,
Glória e louvor eterno a Portugal!*

M I G U E L T R I G U E I R O S

SEGUNDO PRÊMIO

POESIA

HERÓICA

CASTELO DE LANHOSO

*No morro alcantilado erguia-se um castelo, velho,
De rendas negras de granito
E punhos de veludo, muito velho,
Perdido já nas sombras do infinito.
O velho alcácer — velha fortaleza
Do tempo do á-bê-cê da nossa História —
Falava-nos da gente portuguesa,
Cantando em cada quina uma vitória.
Em cada pedra negra, esburacada,
Em cada ameia suja e carcomida,
Brilhava o gume frio duma espada
E as garras firmes duma acometida.
Os olhos muito negros da vigia,
Agora com as pálpebras cerradas,
Lembravam a saudosa nostalgia,
Das moiras encantadas.
Aqueles ombros fortes e possantes,
Das velhas barbacãs,
Ainda como dantes,
Despem as sombras todas as manhãs.
A torre de menagem,*

*Vergada sôbre o Tempo — tão velhinha —
Sonha, talvez, com um formoso pagem,
Da côrte da Rainha,
Verdade ou sonho, história ou lenda,
Em cada pedra erguida ou desmembrada,
Em cada ameia ou cada renda;
Há braços a saudar a madrugada,
E nessa vigorosa saudação,
Há lanças e montantes bem erguidos,
A guarda d'honra ao velho bastião,
Aonde nem os mortos são vencidos.
Tudo essas pedras viram com seus olhos
E aqueles bastiões sentiram no seu peito,
Chorando os mortos na maré de abrolhos,
Cantando os seus heróis em cada feito.*

.....
*No pincaro da penha penhascosa,
O castelo roqueiro,
Tem em cada pedra, uma inscrição saudosa,
Do nosso Rei primeiro.*

*As águias nascem águias, são princesas,
Do alto voam alto p'ra mais alto,
E quando formam o primeiro salto,
Há pelo céu fulgurações acesas!
Lanhoso, ninho d'águias nas alturas,
Águias reais, águias libertas,
Partindo para sonhos de aventuras,
De asas abertas.*

*Castelo de Lanhoso,
Famoso!*

.....

*Em roda, na mata,
Pinheiros gigantes,
Gigantes, gigantes,
Olhando as estrelas,
A lua de prata,
São firmes soldados,
Fiéis sentinelas,
Que velam de noite
E guardam de dia.
Pinheiros que um dia,
El-rei Lavrador
Levou p'ra Leiria
E foram os braços,
Erguidos, erguidos,
Dos mastros das velas
E foram também
Os bojos curtidos,
As quilhas das naus,
Das tais caravelas,
Que abriram roteiros
E novos caminhos de mundos estranhos.*

*Pinheiros, pinheiros,
Tamanhos, tamanhos...*

.....
*Castelo de Lanhoso,
Famoso!*

*Dos punhos de granito rendilhado,
Elevam-se os teus braços de fidalgo
E de guerreiro.
Da tua boca o brado,
Que havia de ecoar no mundo inteiro.*

*Foi de lá que partiram
As hostes de Afonso Henriques,
Os guerreiros que novas terras viram,
Tomaram e venceram.*

*Castelo de Lanhoso,
Famoso!*

*Das lanças, dos escudos,
Dos montantes...
Dos soldados troncados,
Trombudos,
Gigantes,
Que tomaram Lisboa da moirama,
Lisboa que seria,
Terra de Fama
E capital do mundo,
Império da Ousadia,
Senhor do mar profundo!*

*Castelo de Lanhoso,
Famoso!
Prisão duma Rainha,
Que por amor se perdeu,
Que se esqueceu,
Que além de ser mulher era Rainha
E que era mãe
Também...*

*Castelo que foi Sombra ou que foi Sol,
Mas que jamais deixou de honrar a sua Grei.
Prisão da mãe e Dor do filho amargurado...*

*Prisão da pecadora,
E Justiça d'el-Rei.*

D'el-Rei Soldado!

*Oito séculos passaram
— Oito séculos de glória —
Ai, quantos heróis tombaram,
Para viver na História!*

*No morro alcantilado e penhascoso,
A velha fortaleza
Contou mais um inverno.*

*Castelo de Lanhoso,
Famoso!*

*Bandeira portuguesa,
De Portugal eterno!*

J O Ã O A U G U S T O B A S T O S

COMPOSTO E IMPRESSO NA
SOCIÉDADÉ INDUSTRIAL DE
TIPOGRAFIA, LIMITADA.
R. ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5
(AO CARMO) / LISBOA